

EDUCAÇÃO – TEKO – INDÍGENA MBYÁ- GUARANI

ROSA, MARIA HELOISA MARTINS DA¹
ROSA, ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA²

¹ PPGAnt / UFPe I – mariaheloisam@gmail.com (autora)

² PPGAnt / UFPe I – rosa.rogeriogoncalves@oul.com.br (orientador)

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa antropológica embasada em dados teóricos e etnográficos¹ sobre educação indígena e educação escolar indígena tem como objetivo principal demonstrar as formas de educar desenvolvidas pela parentela Mbyá-Guarani da *tekoá Kapi'i Ovy*, situada na região colonial do município de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Busco demonstrar como se desenvolve a metodologia de ensino, também a aprendizagem no interior dessa parentela e o quanto os saberes são efetivados durante a convivência e o compartilhamento das atividades diárias desse coletivo. Além disso, como esse modo de viver das crianças junto aos adultos irá se conformar dentro do universo escolar que começará a se vivido no interior da aldeia – *tekoá*.

Educar seus pequenos é envolvê-los nas atividades dos adultos desde a mais tenra idade. Enquanto brincam, eles participam da feitura do artesanato de forma lúdica e ouvindo as histórias dos mais velhos sobre sua trajetória dentro da sociedade envolvente. Todas as atividades dentro da aldeia – *tekoá* – acontecem de forma suave, alegre e tranquila. Uma das características componente da cultura Mbyá-Guarani é falar somente quando é necessário, pois, a palavra tem um valor especial: ela é sagrada.

¹ Esses dados referidos começaram a serem observados por mim, desde o início de 2010 como exercício etnográfico da disciplina Etnologia Ameríndia ministrada pelo professor Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa e seguido alternadamente idas a campo para elaboração de minha monografia de conclusão de curso do Bacharelado em Antropologia em 11/2012 na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Pesquisas etnográficas sobre a educação indígena, especificamente sobre a etnia mbyá, demonstram como a pedagogia, a cultura – *teko*² – destes povos é total. Eles aprendem, além das trocas entre pessoas, a se relacionar com a natureza onde vivem, por exemplo, a como usar os recursos naturais disponíveis em seu entorno de forma ecológica.

E também a principal preocupação com a entrada da escola dentro da comunidade é não deixar que a sua cultura seja sufocada dentro desse universo que não foi pensado para os povos indígenas, mas para o branco – *jurua*. Desse modo, o modelo de escola pensado pela 5ª Coordenadoria de Educação do município de Pelotas – CRE – e pela parentela Mbyá-Guarani a ser estabelecida na *Tekoá Kapi'i Ovy* é de uma escola específica, diferenciada, intercultural, com um professor indígena conforme está estabelecida desde da Constituição de 1988.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional / LDB, de 1996, definiu a Escola Indígena como responsável por assegurar aos povos indígenas uma educação “diferenciada”, que leve em consideração às práticas pedagógicas das realidades cotidianas da comunidade indígena no local onde será criada a mesma. Da mesma forma, que o Projeto Político Pedagógico desta considere a realidade do coletivo em questão.

A questão principal que se coloca é: esse modelo de escola será um contraponto ao modelo integracionista até então existente? Será que com o caminhar da alfabetização onde sejam necessários contratar professores não indígenas a idéia da interculturalidade será mantida?

2. METODOLOGIA

Este estudo tem como base de análise o método etnográfico, buscando trazer sempre a posição e a opinião dos “nativos” (MALINOWSKI, 1984) em

² A palavra Teko segundo Bartolomeu Meliá, continua sendo entre os Guarani, portadora de múltiplos significados: modos de ser, modos de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume... Essa palavra *teko* que corresponde plenamente noção de “cultura”, é comum às três etnias: Mbyá, Kaiowa e Nhandeva. (Meliá. 2010, p.37).

diálogo com minhas observações e anotações em diário de campo que é outra ferramenta essencial no fazer antropológico. Muito importantes são as entrevistas abertas, com perguntas previamente elaboradas para as questões pontuais em relação à estruturação da escola. Registros fotográficos, fílmicos também se fizeram necessários para complementar os dados etnográficos.

Com base em Roberto Cardoso de Oliveira (1976), o método que sempre direcionou minha pesquisa foi o da Antropologia da Ação, onde ao mesmo tempo o pesquisador apreende os dados e milita pela causa dos seus interlocutores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A discussão da escola dentro da *Tekoá Kapi'i Ovy* surgiu pelo fato da parentela necessitar do auxílio de políticas públicas oriundas da sociedade envolvente. Contemporaneamente, a sobrevivência da parentela depende do assistencialismo social e, nesse caso, estar na escola é fundamental para que isso aconteça.

Então, diante do fato das crianças falarem somente a língua mbyá-guarani recorreu-se ao direito assegurado na LDB que informa que cabe ao Estado oferecer escola bilíngue ou ter ao menos um professor que fale a língua nativa. Quando não houver essa condição não poderá ser exigido que estudem em escola monolíngue. A partir da possibilidade real da implantação de uma escola indígena intercultural, bilíngue, dentro da *Tekoá Kapi'i Ovy* esperamos com essa pesquisa o seguinte:

- aprofundar minha pesquisa junto às comunidades indígenas iniciadas na graduação;

- promover uma discussão a respeito da educação indígena e sobre a presença dessas pessoas nos núcleos de educação escolar indígena, desde as séries iniciais até o ensino superior;

- compreender o processo educacional indígena, a cosmologia e a visão de mundo desta etnia. Como acontece essa pedagogia que permanece a séculos? Pensar a transmissão desses saberes pela oralidade e perceber a interface desse conhecimento com a espiritualidade;

- contribuir para o fomento dos debates acerca da Pedagogia Indígena e da Antropologia da Educação, temas tão invisibilizados; como esses poderão ser desenvolvidos em sala de aula para indígenas e não indígenas;
- enfim, levantar elementos teóricos, metodológicos e, em especial, pedagógicos que venham a contribuir com a escola que está se formando na *Tekoá Kapi'i Ovy*.

4. CONCLUSÕES

De acordo com Baniwa (2012), o diálogo, a convivência e a complementaridade são a base filosófica no fazer pedagógico da escola para os povos indígenas e o respeito a isso é que fará acontecer o processo intercultural entre distintos saberes dentro da escola. A escola pensada dessa forma abrirá a possibilidade de diálogo e de visões distintas dialogarem e construirão novas perspectivas de futuro, onde cada cultura respeite e viva seus modos de vida, de forma respeitosa uma em relação à outra.

Essa é a realidade que a parentela Mbyá-Guarani gostaria de vivenciar dentro da escola que está em processo de construção e de adaptação dentro da aldeia, sendo que para eles o diálogo entre os dois mundos deve acontecer sempre no sentido de acrescentar conhecimento para universos semânticos díspares, mas não opostos ou inimigos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANIWA, Gersem. Os Desafios da Educação Indígena Intercultural no Brasil: avanços e limites na construção de políticas públicas. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. ROSA, Helena Alpini. BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs.). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012 (69-88).
- BANIWA, Gersem. Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira. In: PIMENTA, José, SMILJANIC, Maria Inês. **Etnologia Indígena e Indigenismo**. Brasília: Positiva, 2012, pp. 101–116.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é EDUCAÇÃO**. São Paulo; Brasiliense, 2013.

FERREIRA, Bruno. Educação Escolar ou Educação Indígena? In: TEDESCHI, Losandro A. et al. (Orgs.). **Abordagens Interculturais**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MELIÀ, Bartomeu. **A educação indígena na escola**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99, pp. 11 – 17.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: abril Cultural, 1984 – 3.ed.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília:MEC/SEF,1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

SILVA, Aracy Lopes da. et. al. **Crianças indígenas**. Ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.

TEMPASS, Martin César. **A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia dos saberes e sabores**. Curitiba: Appris, 2012.